

FICHA INFORMATIVA 4 – INCULTURAÇÃO E INTERCULTURAÇÃO

Evangelii Gaudium defende a necessidade da inculturação não como uma simples técnica pastoral, mas como uma dimensão essencial e inescapável da "Igreja que avança". A inculturação é a forma como o Evangelho, pela sua natureza dinâmica e frutífera, encontra verdadeiramente os corações dos povos. Uma Igreja que "sai" não encontra um mundo abstrato, mas sim pessoas concretas, moldadas por uma cultura. O alcance missionário implica, pela sua natureza, o encontro com a diversidade cultural. A passagem do EG 116 é fundamental:

Nesta exortação repeti várias vezes que devemos estender a mão a todos, sem nos deixar condicionar pelo facto de pertencermos a um determinado ambiente ou adotarmos certos costumes. Digo agora que em cada povo e em cada cultura o Evangelho é fértil e dinâmico se for recebido com o coração aberto. A graça **pressupõe a cultura**, e o dom de Deus encarna-se na cultura daqueles que a recebem.

Francisco estabelece um princípio teológico: "a graça pressupõe a cultura". Assim como a Palavra de Deus se encarnou numa cultura e época específicas (a judaica do primeiro século), assim a graça do Evangelho hoje deve ser encarnada nas culturas daqueles que a recebem. Uma Igreja que não se incultura, não está verdadeiramente "a avançar", mas permanece à margem, alheia à vida dos povos.

Além disso, o EG contrasta a inculturação com duas derivas: o proselitismo sectário e a imposição de um único modelo cultural. A inculturação é um processo de respeito mútuo, diálogo e fertilização. Uma proclamação que impõe uma forma cultural estrangeira (por exemplo, um "Cristianismo Europeu") é contrária ao Espírito do Evangelho. É uma forma de controlo espiritual. A inculturação, por outro lado, é um ato de confiança no Espírito Santo, que já atua nas culturas anteriores à nossa chegada. Isto não é uma via de sentido único. É um processo dinâmico em que a Igreja dá o Evangelho e, ao mesmo tempo, recebe das culturas novas riquezas para o expressar. Por um lado, o Evangelho traz uma nova luz para purificar e realizar aquilo que é bom e verdadeiro que já existe numa cultura. Por outro lado, as diferentes culturas, com os seus valores e sabedorias, ajudam a Igreja a compreender e viver a plenitude do Evangelho de forma mais enriquecedora. Finalmente, Francisco defende a inculturação com um princípio de eficácia pastoral e respeito pelo outro. A mensagem deve ser proclamada numa "linguagem" que as pessoas possam compreender, não só linguisticamente, mas também ao nível dos símbolos, categorias mentais e sensibilidades.

A inculturação não é, portanto, opcional para especialistas, mas sim o próprio sopro de uma Igreja missionária que, ao sair de si mesma, reconhece que o Espírito Santo já preparou o terreno e que a salvação de Deus está destinada a vestir as roupas de todas as culturas da terra. Numa dinâmica de reciprocidade, a inculturação é um processo que também pode ser descrito como "interculturação" – na perspetiva da chamada missão "*inter gentes*" – em que o Evangelho, ao encarnar-se numa nova cultura, enriquece a sua própria expressão. A cultura

que recebe o Evangelho é purificada e elevada, enquanto a Igreja universal, observando como o Evangelho ganha vida numa nova cultura, aprofunda a sua compreensão da fé. Até as culturas de origem dos missionários (por exemplo, a europeia) são questionadas e enriquecidas pelo encontro.

Dois contributos ajudam a reflexão pessoal. **Carmelo Dotolo** oferece-nos uma reflexão sobre a requalificação da missão através das dinâmicas da inculturação/interculturação; **Paolo Consonni** partilha a experiência do Instituto na Ásia, na perspectiva do diálogo e da interculturação.